

O POSITIVISMO E A EDUCAÇÃO NO BRASIL (CIENTIFICISMO, PROGRESSO E REPÚBLICA)

Francisco José da Silveira Lobo Neto

Os fatos recomendam que se dê atenção especial ao positivismo comtiano como força atuante e influente na construção do ideário republicano e na sistematização de algumas linhas políticas, ressaltando-se a proposta educacional.

É importante ter presente que, na propaganda republicana, estavam unidos vários grupos com interesses diferentes e diversas concepções. Entre eles, liberais e positivistas. Compreendidas, em cada uma destas categorizações, uma expressiva pluralidade de pensamentos e de aspirações, muito praticamente evidenciadas na disputa pelo poder, deflagrada logo após o 15 de novembro de 1889.

Os positivistas da Escola Militar e do Rio Grande do Sul, assim como os liberais do Partido Republicano Paulista e do grupo de políticos mineiros

“defendiam a idéia da República federativa que asseguraria um grau considerável de autonomia às unidades regionais. Distinguiam-se, porém, em outros aspectos da organização do poder”, sobretudo na definição do grau de autonomia das Unidades Federadas e no grau de poder da União como garantia da unidade nacional (FAUSTO, 1994: 245).

No campo positivista, o grupo militar tendia a maior centralização de poder na União e o grupo civil, sobretudo o gaúcho, alinhava-se com os políticos liberais na institucionalização de um federalismo com máxima autonomia regional.

Neste sentido, a Constituição de 24 de fevereiro de 1891 é fruto do processo republicano, que teve no federalismo uma das idéias-força de sua propagação e amadurecimento no Brasil. Assim também, o texto constitucional vai refletir principalmente as formulações das correntes liberais (1), que tiveram em Rui Barbosa um poderoso intérprete. Não se tratava mais do erudito deputado que, nos Pareceres de 1882/83 sobre o Projeto Educacional de Rodolfo Dantas, defendia uma decisiva ação do governo imperial e uma política nacional de educação:

“ A verdade ... é que o ensino público está à orla do limite possível a uma nação que se presume livre e civilizada; é que há decadência, em vez de progresso; é que somos um povo de analfabetos, e que a massa deles, se decresce, é numa proporção desesperadoramente lenta; é que a instrução acadêmica está infinitamente longe do nível científico desta idade; é que a instrução secundária oferece ao ensino superior uma mocidade cada vez menos preparada para o receber; é que a instrução popular, na Corte como nas províncias, não passa de um *desideratum*; é que há sobeja matéria para nos enchermos de vergonha, e empregarmos heróicos esforços por uma reabilitação, em bem da qual, se não quisermos deixar em dúvida nossa capacidade mental ou os nossos brios, cumpre não recuar ante sacrificio nenhum” (BARBOSA, 1982: 8-9) ... “ Salvo exceções singulares, as crenças e as filosofias mais opostas, variando quanto à direção, reacionária, ou liberal, que mais convenha imprimir ao ensino, coincidem na idéia, cada vez mais geral de que, na fase atual da civilização, as instituições e encargos do Estado, em matéria de ensino, tendem inevitavelmente a crescer” (idem, p 97) ... “A idéia hostil à interferência do governo no domínio da instrução pública não passa de uma concepção abstrata, contrariada pela evolução das idéias e dos fatos nos países mais livres. Em vez de vos propor medidas

tendentes a enfraquecer a organização central do ensino, a vossa comissão encara, por conseguinte, como providência de largo alcance e urgência imperiosa a criação do ministério da instrução pública.” (ibidem, p.114)

Agora, o consagrado jurista e homem público era o ministro mais influente do Governo Provisório, muito envolvido pelas questões políticas e financeiras e bem menos atento à sua própria análise da educação brasileira, escrita sete anos antes. Esta menor atenção ao ensino público leva o texto constitucional republicano a manter - como já era tradição no Império, desde o Ato Adicional de 1834 - a instrução primária como responsabilidade exclusiva dos Estados, atribuindo-lhes também a organização geral do ensino em suas órbitas, bem como reservando à União a possibilidade de criar estabelecimentos de ensino secundário e superior nos Estados. Por outro lado, determinava caber à União, a instrução no Distrito Federal (cfr. Artigo 35, nº 3,4 e 30 da Constituição de 1891). Através da Lei de 20 de novembro de 1892, porém, transfere-se ao poder público distrital a responsabilidade pela educação primária e profissional, ficando o governo da União com a jurisdição sobre todo o ensino secundário e superior da Capital. Na avaliação de Fernando de Azevedo,

“em vez de arredar os obstáculos à organização de um sistema geral, a República não fez mais do que agravá-los, repartindo entre a União e os Estados as atribuições na esfera da educação e renunciando explicitamente ao dever que lhe indicavam as instituições democráticas de dar impulso e traçar diretrizes à política de educação nacional” (AZEVEDO, 1976: 119).

Entretanto, é neste quadro de construção e constituição da República “liberal”, que o **Positivismo** encontra, nas reformas educacionais de Benjamim Constant, o caminho de marcar sua presença mais expressiva, ainda que bastante confusa e bem pouco duradoura.(2).

1 - O POSITIVISMO DE A. COMTE

Como em relação a todos os pensadores, também para entender o pensamento de *Isidore -Auguste - Marie - Xavier COMTE* (nascido em Montpellier em 20 de janeiro de 1798 e falecido em Paris em 5 de setembro de 1857), é fundamental procurar contextualizar sua produção intelectual à sua existência, como trajetória individual em um ambiente social historicamente definido.(3) Não apenas COMTE, mas também os que se fizeram seus seguidores, vivenciaram um processo reflexivo sobre os acontecimentos e idéias do seu tempo. Aderindo e repudiando, aceitando e rejeitando, relacionando e dissociando, elogiando e criticando, participando e isolando-se, sofrendo e alegrando-se, COMTE constrói seu pensamento e, sobretudo, se propõe a oferecê-lo como um sistema completo e perfeito para a instauração da verdadeira humanidade: a humanidade positiva que viverá a época normal, após a regeneração social.



Augusto Comte

Neste sentido, o positivismo comtiano é uma tentativa de superação da dissociação entre filosofia e ciências positivas, que se apresentavam como linhas

paralelas que corriam sem dar esperanças de um ponto de encontro; uma tentativa de harmonização e elaboração de uma nova e poderosa síntese, capaz de garantir para a humanidade um futuro sereno, *tendo como princípio o amor, como base a ordem, como meta o progresso.*

O fundamento dessa nova síntese é a aceitação do fato do espírito humano, reconhecendo sua impossibilidade de atingir noções absolutas, procurar descobrir, usando o raciocínio e a observação, as leis dos fenômenos sensíveis e as ligações interfenomenais. Elimina-se assim a teologia e a metafísica, consideradas etapas do conhecimento já superadas e estereis para a moderna realidade científica. A Humanidade progride baseada nos dados positivos do fato científico e social, sendo, portanto necessária uma organização do pensamento humano que passará aos costumes e, finalmente, às instituições:

“Uma sistematização real de todos os pensamentos humanos constitui, portanto, nossa primeira necessidade social” (Synthèse subjective, 2).

O positivismo comtiano, portanto, não se apresenta como uma crítica destrutiva do passado (4), mas como um sistema orgânico que procura uma coerência mental capaz de assegurar uma coesão social. E este é o dado primeiro e chave fundamental para a compreensão do positivismo comtiano: o firme propósito de superar o negativismo do vendaval revolucionário francês e de seus desdobramentos, pela instauração de uma ordem nova, definitiva, positiva. Como muito bem expressa VERDENAL (1976: 218):

“Daí provém essa imperiosa vocação de reformador universal que está encarregado de instituir a ordem de uma maneira soberana. Essa idéia de ordem impera não só no trabalho de sistematização teórica da filosofia, mas também no trabalho de regeneração espiritual da religião e no programa da política positiva, de forma que a história permaneça encerrada em um marco fixo de uma vez por todas”.

1.1 - A TEORIA DOS TRÊS ESTADOS

Formulada em 1822, no *Prospectus des travaux scientifiques nécessaires pour réorganiser la société* (5), considerado por COMTE seu “opúsculo fundamental”, a teoria ‘dos três estados gerais do espírito humano e da sociedade’ será retomada e desenvolvida em suas obras seguintes, especialmente no *Cours de Philosophie Positive*, como eixo de toda a sua doutrina. Em suas palavras:

“...cada uma de nossas concepções principais, cada ramo de nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes: estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato, estado científico ou positivo. Em outros termos, *o espírito humano, por sua natureza, emprega sucessivamente, em cada uma de suas investigações, três métodos de filosofar, cujo caráter é essencialmente diferente e mesmo radicalmente oposto: primeiro o método teológico, em seguida, o método metafísico, finalmente, o método positivo.* Daí três sortes de filosofia, ou de *sistemas gerais de concepções sobre o conjunto de fenômenos, que se excluem mutuamente: a primeira é o ponto de partida necessário da inteligência humana; a terceira, seu estado fixo e definitivo; a segunda, unicamente destinada a servir de transição.*

No estado teológico, o espírito humano, dirigindo essencialmente suas investigações para a natureza íntima dos seres, as

causas primeiras e finais de todos os efeitos que o tocam, numa palavra, para os conhecimentos absolutos, *apresenta os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua de agentes sobrenaturais* mais ou menos numerosos, cuja intervenção arbitrária explica todas as anomalias aparentes do universo.

No estado metafísico, que no fundo nada mais é do que simples modificação geral do primeiro, *os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas, verdadeiras entidades (abstrações personificadas)* inerentes aos diversos seres do mundo, e *concebidas como capazes de engendrar por elas próprias todos os fenômenos observados*, cuja explicação consiste, então, em determinar para cada um uma entidade correspondente.

Enfim, *no estado positivo*, o espírito humano, *reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e similitude. A explicação dos fatos*, reduzida então a seus termos reais, *se resume de agora em diante na ligação estabelecida entre os diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais, cujo número o progresso da ciência tende cada vez mais a diminuir*”(COMTE, C.Fil.Pos., 1973, 10; cfr. Cat.Pos., 1973: 192-193).

Cada um destes estados ou sistemas tem seu ponto máximo de perfeição possível apontado por COMTE: o sistema teológico quando substituiu o “jogo variado de numerosas divindades independentes”, pela ação providencial de um ser único; o sistema metafísico pela concepção de “uma única entidade geral, a *natureza*, considerada como fonte exclusiva de todos os fenômenos”. Quanto ao sistema positivo, embora seja pouco provável que atinja a perfeição, para a qual ele “tende sem cessar”, esta seria a possibilidade de

“representar todos os diversos fenômenos observáveis como casos particulares dum único fato geral, como a gravitação o exemplifica” (idem, *ibidem*).

Estas três grandes etapas são mostradas na História a propósito de cada ciência, sendo inevitáveis e indispensáveis tanto no campo intelectual quanto no moral e social. As duas primeiras (teológica e metafísica) já estão “caducas” e, com elas, “caducou” também o catolicismo, em sua tentativa de “metafísicalizar” o monoteísmo. COMTE afirma ter chegado o momento do positivismo.

1.2 - A RELIGIÃO DA HUMANIDADE

Ao iniciar o Prefácio do *Catecismo Positivista*, COMTE retoma suas próprias palavras, pronunciadas no encerramento do seu terceiro *Curso de Filosofia Positiva* (1851):

“Em nome do passado e do futuro, *os servidores teóricos e os servidores práticos da humanidade vêm tomar dignamente a direção geral dos negócios terrestres*, para construir, enfim, a verdadeira providência moral, intelectual e material; *excluindo irrevogavelmente*

da supremacia política *todos os diversos escravos de Deus, católicos, protestantes ou deístas, como sendo, ao mesmo tempo, atrasados e perturbadores*” (COMTE, Cat. Posit., 1973, 103).

A Religião da Humanidade surge como manifestação necessária da Filosofia Positiva que, como definitivo estado do espírito humano, tem como atributo a universalidade, ou verdadeira catolicidade. Neste sentido ela vem substituir tanto o catolicismo e o islamismo, - as duas mais poderosas expressões monoteístas - quanto todas as demais religiões. Escrevendo a M. de Tholbuse, assim se expressa: “Não se destroi senão àquilo que se substitui... Segundo esta máxima, tão bem dita quanto pensada, é necessário, portanto, substituir o catolicismo por uma verdadeira religião, sob pena de vê-lo prolongar indefinidamente sua ignóbil caducidade”. Surge com o sentido de promover a unidade em torno da Humanidade que é o novo “Ser supremo” ou “Grande Ser”, fazendo esquecer o Deus antigo. Esta Humanidade é certamente formada pelos seres que nós somos, compreendendo indivíduos de todas as gerações, mas não retém em seu seio todos. Estão excluídos os criminosos, mesmo aqueles que foram uma vez chamados grandes homens. Pertencem a ela, formando o Grande Ser

“o conjunto de homens que cooperaram com a grande obra humana, aqueles que se prolongam em nós, aqueles de quem somos os verdadeiros devedores” (*Systhème de politique positive*, t.I, 411). “Deveis... definir em primeiro lugar a humanidade como o *conjunto* dos seres humanos passados, futuros e presentes. Esta palavra *conjunto* indica-vos bastante que não se deve compreender aí todos os homens, mas só aqueles que são realmente assimiláveis, por efeito de uma verdadeira cooperação na existência comum. Posto que todos nasçam necessariamente filhos da humanidade, nem todos se tornam seus servidores, e muitos permanecem no estado parasitário, que só foi desculpável durante sua educação. Os tempos anárquicos fazem sobretudo pulular, e demasiadas vezes florescer, esses tristes fardos do verdadeiro Grande Ser” (COMTE, Cat. Pos., 1973: 135).

Confessado admirador da organização do catolicismo, sobretudo medieval, COMTE não resiste à tentação de transpor, para o novo catolicismo, conceitos do antigo e "caduco" catolicismo cristão romano. Surgem os nove “sacramentos sociais” (apresentação, iniciação, admissão, destino, matrimônio, maturidade, retiro, transformação e incorporação). A Religião da Humanidade estrutura-se também na unidade de culto, de doutrina e de regime. Ao dogma teológico, correspondia a teocracia como regime e a teolatria como culto. À sociologia como dogma final, devem corresponder, na Religião da Humanidade, a sociocracia como regime e a sociolatria como culto. Um culto que tem sua expressão no âmbito privado e público,

[“O culto privado é a única base sólida do culto público ... Ele consiste na adoração cotidiana das melhores personificações que nos seja dado assinalar à Humanidade ... O culto íntimo exige três orações cotidianas: ao levantarmo-nos, ao aproximar-se o sono e no meio das ocupações práticas ou teóricas” COMTE, Cat. Pos., 1973: 157-160) “O duplo objeto deste culto... consiste em fazer-nos compreender melhor e realizar melhor a existência correspondente. Devemos, pois, idealizar, em primeiro lugar, os laços fundamentais que a constituem, em seguida as preparações essenciais que ela exige, e, enfim, as

funções normais de que ela se compõe” (COMTE, Cat. Pos., 1973: 175-177)]

e que cumpre sua destinação própria de

“idealizar o dogma a fim de idealizar o regime”, representando o conjunto da religião (COMTE, Cat. Pos., 1973: 143).

Um culto à Humanidade, em que

“nós não adoramos como ao antigo Deus, para fazer-lhe cumprimentos, mas a fim de a servir melhor, aperfeiçoando-nos” (idem, ibidem, p. 142).

Estabelece também um sacerdócio positivo que

“exige, ainda mais do que o sacerdócio teológico, uma inteira maturidade, sobretudo em virtude de sua imensa preparação enciclopédica” (idem, p. 110) (6).

1.3 - A “EDUCAÇÃO UNIVERSAL”

Pierre ARNAUD, na Cronologia que faz preceder sua Introdução à edição do *Catéchisme Positiviste*, em 1966, pela Garnier-Flammarion de Paris, indica que, ao morrer em 1857, COMTE projetava um *Tratado sobre a Educação Universal*, prevendo sua publicação para o ano seguinte (cfr. COMTE, Cat. Pos., 1966: 13). Coube ao Prof. Paul ARBOUSSE-BASTIDE, nas 734 páginas de sua obra “La Doctrine de l’éducation universelle dans la philosophie d’Auguste COMTE”, a tentativa de suprir a falta do *Tratado*, resgatando nos escritos do filósofo as linhas de seu pensamento pedagógico, sistematizando-o de forma tão competente, que não se poderá mais omitir COMTE entre os teóricos da educação (7).

Evidentemente seria um exagero dizer que a questão educacional enfeixe o conteúdo do positivismo de COMTE, mas o Prof. Arbousse-Bastide não deixa dúvidas sobre “o papel nuclear da idéia de *educação universal* que informa as diversas etapas do pensamento de COMTE” (8)

A problemática fundamental da educação é colocada pelo próprio COMTE, já na segunda lição do seu *Curso de Filosofia Positiva*:

“O problema geral da educação intelectual consiste em fazer com que, em poucos anos, um único entendimento, muitas vezes medíocre, chegue ao mesmo ponto de desenvolvimento atingido, durante uma longa série de séculos, por um grande número de gênios superiores, que aplicaram, sucessivamente, durante a vida inteira, todas as suas forças ao estudo de um mesmo assunto” (COMTE, C. Fil. Posit., 1973: 34).

A educação do indivíduo deve essencialmente reproduzir aquela da espécie, no sentido de transmitir não as etapas - o que seria impossível - mas o movimento e o produto. Daí a necessidade de ensinar os diversos ramos da Filosofia Natural em uma ordem conveniente. Para COMTE,

“Não podemos fazer [do método positivo] uma idéia nítida e exata a não ser estudando, sucessivamente e na ordem conveniente, sua aplicação a todas as diversas classes principais de fenômenos naturais” (COMTE, C.Fil.Posit., 1973: 43).

“aprender consiste portanto em economizar o tempo da descoberta, beneficiando-se, embora, de seus resultados e respeitando sua ordem, da qual

ele não pode ser dissociado. A educação é uma incorporação sistemática do humano no homem, ao mesmo tempo que uma integração do homem ao humano. Entre o homem e o humano é necessário um intermediário: o educador” (ARBOUSSE-BASTIDE, 1957: 600).

A teoria educativa de Auguste COMTE está toda ela relacionada com a visão global que ele tem do mundo (9). Entre as principais características da educação podem ser citadas as seguintes:

a) A educação é uma emanção do “poder espiritual moderno”, sendo como tal autoritária, no sentido em que a relação educador-educando é, na verdade, uma relação entre ascendente e descendente;

b) A educação é, toda ela, coordenada pela idéia e o culto do Grande Ser;

c) A educação é universal, para todos. Portanto também a mulher e o proletariado devem ser educados;

d) A educação familiar é a educação espontânea, especialmente materna (na família o poder espiritual é representado pela mãe), de grande importância, responsável sobretudo pela educação moral, porque somente sob a direção de uma mulher uma criança pode

“começar a difícil aprendizagem da luta interior, que dominará toda a sua vida, para subordinar gradualmente as impulsões egoístas aos instintos simpáticos” (COMTE, A., *Discours sur l'ensemble du positivisme*, citado por Arbousse-Bastide);

sua sistematização, pelos filósofos educadores, só ocorrerá nos últimos anos que precedem a maioridade;

e) A educação pública completa a educação espontânea, familiar e materna, com a instrução teórica e prática;

f) A educação “espontânea” é fortemente marcada pela estética, sendo que a presença da arte tem continuidade de influência, também na educação “sistemática”;

g) Apesar de uma privilegiada preocupação científica, a educação positiva inclui no plano de estudos as disciplinas literárias, indicando para o aprendizado das línguas estrangeiras o critério da “solidariedade atual”, ou seja, deve-se aprender, em primeiro lugar, as línguas dos países limítrofes;

h) O método geral da educação positiva apresenta diversificações em duas fases:
- antes da puberdade, tem como preocupação o concreto, a prática da observação e de exercícios tendentes a “facilitar a adaptação do corpo à ação habitual”;
- a partir da puberdade, preocupa-se com a sistematização, ou seja, com lições formais e programação orgânica das ciências, segundo a sua classificação hierarquizada; (10)

i) Os professores devem ser polivalentes, isto é, capazes de dirigir a iniciação de todas as ciências, devendo suscitar “a submissão ativa e voluntária” e não a “discussão estéril e dispersiva”, o que faz prevalecer o ensino oral, sendo raro o recurso a livros didáticos (11).

2 - O SIGNIFICADO DO POSITIVISMO

Já STUART MILL (1806-1873) observava que o positivismo não se propaga diretamente, segundo a formulação de COMTE, mas sua temática se impõe a muitos

intelectuais do final do século XIX. Isto ocorre pela mediação do próprio Stuart Mill e de Émile LITTRÉ (1801-1881). Assim é que, em seu *Vocabulário*, Lalande registra:

“Dá-se o nome de *positivismo* a umas doutrinas que têm conexão com a de Auguste COMTE ou que com ela se parecem, às vezes de uma forma bastante remota, e que admitem como teses comuns que somente o conhecimento dos fatos é fecundo; que o protótipo da certeza é proporcionado pelas ciências experimentais; que o espírito humano, tanto na filosofia quanto na ciência, só evita o verbalismo e o erro se mantém continuamente em contato com a experiência e se renuncia a qualquer *a priori*; e, por último, que o âmbito das *coisas em si* é inacessível e que o pensamento só pode alcançar relações e leis. Tais são, afastando-se cada vez mais do positivismo primitivo, as doutrinas de J.S.Mill, de Littré, de Spencer, de Renan e, inclusive, de Taine” (12).

Sobretudo Littré - que se nega a aderir ao culto da Religião da Humanidade, que escreve com estilo mais sóbrio (ou menos profético) e argumentação mais rigorosa - pode ser apontado como responsável pela difusão do positivismo em alguns círculos de eruditos ou cientistas e entre alguns políticos “radicais” bastante influentes na III República francesa.

Segundo Luiz Antônio Cunha,

"a doutrina positivista foi uma versão ideológica da sociedade capitalista, nascida dela própria, com o empirismo inglês do século XVIII (Bacon, Locke, Hume), tendo assumido sua forma madura no pensamento de COMTE", que atendia , no plano ideológico duas novas demandas da nova classe dominante - a burguesia: o combate ao poder da Igreja Católica defensora do feudalismo e o combate aos levantes populares ameaçadores do poder conquistado. "Atacando o catolicismo (e o cristianismo em geral), como uma expressão ultrapassada do estado metafísico, solapava a hegemonia da Igreja; defendendo o ensino livre de qualquer privilégio (qualquer um poderia ensinar qualquer coisa a quem quisesse) e o exercício das profissões independentemente dos privilégios corporativos remanescentes, diminuía o poder da universidade (controlada pela Igreja) e dos sindicatos operários; defendendo a 'ditadura republicana', legitimava a organização de um aparelho de repressão das manifestações populares (principalmente dos operários), apesar dos valores proclamados de solidariedade universal, veiculados pela 'religião da humanidade' " (CUNHA, 1980: 87-88)

Entretanto, não se pode deixar de referir a afirmação de VERDENAL (1976: 239):

“O mais importante, sem dúvida alguma, é que a filosofia do positivismo reforçará e especificará uma espécie de atitude positivista, um estado de espírito filosófico. Essa atitude reúne muitos temas difusos: a crítica da metafísica, de acordo com um kantismo superficial; a negação da filosofia geral independente das ciências exatas, e a consideração da ciência como um catálogo de fatos”. (13)

O Positivismo representa, na primeira metade do século XIX, um esforço de superação do conflito entre humanismo e progresso científico. Embora, apesar de poderosamente abrangente, a síntese positiva de Auguste COMTE não tenha resistido à velocidade com que o próprio progresso científico provocou as múltiplas mudanças (14), a mentalidade positivista, sob diversas formas e denominações, se faz presente no

pensamento do final do século XIX e no século XX . Talvez, por isso, seja tão freqüente encontrar os termos “positivismo” e “positivista” (muitas vezes como acusação a algum autor, envolvido no calor de alguma polêmica) para designar tendências e concepções que nem sempre correspondem ao conceito original da “positividade” comtiana e de suas derivações mais próximas. (15)

A presença do pensamento e da mentalidade positivista significa também sua crítica e contestação. Crítica da ciência, enquanto tentativa de estabelecimento da verdade científica. Crítica da relação entre a metodologia das ciências exatas e a instauração das ciências humanas e de sua metodologia. Assim como o pensamento positivista apresenta diversas manifestações em diferentes núcleos de intelectuais e cientistas franceses, alemães, italianos, ingleses, também a contestação vai manifestar-se diferentemente (16). A verdade é que o positivismo deve ser entendido como uma dentre as várias manifestações do pensamento sobre o desenvolvimento científico. Não são poucos os que nele identificam uma grande fragilidade epistemológica, uma grande pretensão de apreender e encerrar, em um sistema fechado e definitivo, a totalidade da realidade humana.

“ O fenômeno central do positivismo ... é a problemática da ciência; não tanto o fundamento filosófico da ciência, mas sobretudo o papel da ciência na sociedade ... Vemos o filósofo encarregado de uma tarefa ‘especial’: a tarefa de estudar as generalidades do pensamento científico, de definir uma metodologia e de organizar uma epistemologia. Mas essa função deriva de um poder espiritual que faz do filósofo o magistrado, o político, o educador e o sacerdote... A epistemologia do positivismo serve de estimulante para a restauração do pensamento místico-mágico... A crítica da mentalidade metafísica suspende a especulação metafísica, mas deixa livre o transbordamento imaginativo da religião. O texto de COMTE revela até que ponto o raciocínio metafísico se alimenta, não precisamente da especulação metafísica, mas dos temas da moral, da política e da religião... À sua maneira COMTE liquida a filosofia como instância de síntese teórica e como centro de crítica cultural. E restaura a religião como a chave mestra de um imobilismo histórico para uso da sociedade do século XIX... Raymond Aron perguntava-se pela atualidade de COMTE na atual época da sociedade industrial. Deixemos que seja respondido por um benévolo observador de COMTE, Delvolvé: *‘Chegado ao término de sua obra, e quando seu nome já é glorioso, aparece em sua verdadeira figura espiritual como um Lear em seus farrapos, pontífice da verdadeira religião humana, escutado com ingênua devoção por um punhado de fiéis, mas que ignora ou desconhece a sociedade que pretende regenerar’*” (VERDENAL, 1976: 245-250).

3 - O POSITIVISMO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Assim como não é possível negar a influência do positivismo comtiano (ou daquele positivismo diretamente ligado a COMTE por obra de seus sucessores) no movimento republicano brasileiro e, especialmente, nas reformas educacionais da 1ª República, é preciso analisar esta influência no contexto mais amplo de correntes de pensamento relacionadas com a reflexão sobre a ciência e seu desenvolvimento.

O positivismo comtiano, vale repetir, é uma das manifestações do *cientificismo* (17), cujos sinais se detectam no movimento pela incorporação do ensino das ciências já na concepção “pansophica” de Comênio, no disciplinarismo empirista de Locke (tão radicado em Bacon), nas concepções do enciclopedismo iluminista. Um processo

histórico de construções curriculares revela as idas e vindas do maior ou menor prestígio das ciências nas propostas pedagógicas.



Benjamim Constant, “mais próximo, sob certos aspectos, de outras correntes científicas do que do positivismo ortodoxo do Apostolado Positivista do Brasil” (SILVA, 1969: 220), é inegavelmente, através da Reforma de 1890, um facilitador da influência positivista.

Em sua proposta, o ensino secundário - no Distrito Federal, reduzido ao Ginásio Nacional (Colégio Pedro II) - superava o objetivo propedêutico, adquirindo o sentido de formação educativa em si mesmo. O currículo apresentado tem uma parte constituída pelas ciências fundamentais, na ordem lógica estabelecida por COMTE. O que se observa é o não abandono do tradicional ensino secundário e o acréscimo do estudo das ciências fundamentais, constituindo uma parte significativa, mas que não se pode caracterizar como principal ou predominante como demonstra o quadro abaixo:

1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano
Aritmética	Geometria Preliminar	Geometria Geral	Mecânica Geral	Física Geral	Biologia	Sociologia
Álgebra Elementar	Trigonometria Retilínea	Álgebra	Trigonometria esférica	Química Geral	Zoologia	Moral
-	Geometria Especial	Cálculo Diferencial	Astronomia	-	Botânica	Direito Pátrio
-	-	Cálculo Integral	Geometria Celeste	-	-	Economia Política
-	-	-	Mecânica Celeste	-	REVISÃO	REVISÃO
-	-	REVISÃO	REVISÃO	REVISÃO	REVISÃO	REVISÃO
Português	Português	-	-	-	-	-
Latim	Latim	Latim	Grego	Grego	-	-
Francês	Francês	Francês	-	-	História Universal	História do Brasil
Geografia	Geografia	Inglês ou Alemão	Inglês ou Alemão	Inglês ou Alemão	-	Hist. da Lit. Nacional
Desenho Música Ginástica	Desenho Música Ginástica	Desenho Música Ginástica	Desenho Música Ginástica	-	-	-

Sem dúvida alguma, é patente a opção enciclopédica comtiana, na ótica de sua classificação lógica. Contudo, certamente não era comtiana a sistematização científica oferecida pelo ensino destinado a adolescentes. Comte, como vimos, preconizava esta sistematização para mais adiante.

Porém como anota SILVA (1969: 222):

“ Se o currículo literário clássico tendeu sempre a degradar-se no sentido do formalismo disciplinar, o ideal de formação enciclopédica, na forma em que o concebia Benjamim Constant, nem sequer poderia ser seriamente ensaiado. Seu intelectualismo e sua grandiosidade excediam inteiramente a capacidade de aprendizagem de adolescentes. Assim, o plano de estudos proposto por Benjamim Constant, além de contrariar a concepção preparatória do ensino secundário, ainda dominante na opinião pública, era intrinsecamente inexecutável. Isto é sentido logo no primeiro ano de vigência da reforma,

quando apenas se iniciava a observância progressiva do currículo proposto, e já se levantam vozes pedindo sua modificação”.

É importante verificar como, nos oito anos seguintes, sucedem-se mudanças no currículo, até que Amaro Cavalcanti, em 1898, tenta a solução européia para harmonizar o embate entre humanismo e estudos modernos, adotando no Colégio Pedro II, o *curso clássico* e o *curso realista*. Entretanto, o Código de Ensino do Ministro Epiácio Pessoa (Decreto nº 3890 de 1º de janeiro de 1901) manda restabelecer o plano de estudos unificado de Benjamim Constant, reduzindo o curso para seis anos e simplificando-o pela retirada da Biologia, da Sociologia e da Moral, substituídas pela Lógica (18). Em 1911, é feita nova reforma, por Rivadavia Correia (Lei de 5 de abril), retomando o ideário positivista (adoção de critério prático no estudo das disciplinas; ampliação da liberdade de ensino e de frequência; transferência para as faculdades do exame de acesso ao ensino superior). A reação ocorre em 18 de março de 1915 pela reforma de Carlos Maximiliano.

“que restaurou a situação anterior e reoficializou o ensino secundário, com 5 anos de curso, mantendo, porém, os exames preparatórios nos colégios particulares, perante bancas nomeadas pelo Conselho Superior de Ensino...” (AZEVEDO, 1976: 136).

A presença de influência do positivismo na educação brasileira, se por um lado produz fatos que a evidenciam a ponto de se poder afirmar que

“a importância do positivismo e dos positivistas no desenvolvimento da educação escolar no Brasil é difícil de se exagerar” (CUNHA, 1980:150),

por outro lado, com o passar do tempo, vai assumindo novas características que, cada vez mais, distanciam-na da proclamada ortodoxia comtiana de um Miguel Lemos e um Teixeira de Freitas, para assumir complexidades e diferenciações de um mais amplo movimento de idéias e aspirações ancoradas no desenvolvimento científico e tecnológico.

Assim, é possível identificar traços de positivismo - mais ou menos comtianos - no desenrolar das concepções educacionais e na adoção de medidas de ação educacional, mesmo quando se analisam situações atuais (19). Sobretudo porque a questão da ciência e da tecnologia, sistematizada na *filosofia positiva* de COMTE, eram, muito antes dele, e continuam sendo, hoje, objeto de profunda preocupação e de constantes tentativas de sínteses sempre superadas pelo dinamismo da construção da história pelos homens.

O importante é não simplificar a apreensão destes movimentos de idéias. Neste sentido é sempre muito bom ter presente as ponderações de SPENCER:

“Duas causas de natureza totalmente diferentes contribuíram para difundir a crença errônea de que COMTE deva ser reconhecido como o criador da ciência propriamente dita. Seus inimigos mais ardentes e seus amigos mais devotados têm, sem sabê-lo, concorrido para propagá-la. De um lado, tendo COMTE designado sob o nome de *filosofia positiva* todos os conhecimentos definitivamente estabelecidos que os sábios, gradualmente, reduziram a sistema ou em um só corpo de doutrina, e tendo-o oposto, em geral, ao conjunto incoerente das opiniões sustentadas pelos teólogos, tornou-se hábito do partido teológico de designar o partido oposto, aquele dos homens de ciência, sob o nome de *Positivistas*. E o hábito de chamá-los assim fez

nascer a opinião que eles também se chamem de *Positivistas* e que são discípulos de COMTE. De outro lado, aqueles que adotaram o sistema de COMTE, e que o vêem como a filosofia do futuro, foram naturalmente levados a ver em tudo os sinais de seu progresso, e, em todos os lugares em que encontraram opiniões que se harmonizavam com ele, atribuíram-nas à influência de seu autor. (...) No espírito dos discípulos, o nome de COMTE se associa ao método científico ... pensam em COMTE cada vez que encontram hábitos de pensar que têm analogia com o método científico descrito por este autor. Estas impressões, porém, na maioria das vezes, não têm fundamento. Que COMTE tenha feito uma exposição geral da doutrina e do método científico, é verdade; mas não é verdade que aqueles que admitem esta doutrina e que seguem este método sejam discípulos de COMTE. (...) Se eles são *positivistas*, eles o são como sempre foram, de uma maneira mais ou menos conseqüente, todos os homens de ciência; e designando-os por este nome, eles não o são mais discípulos de COMTE do que o seriam os sábios que viveram e morreram antes deste autor, se lhes fosse dado o mesmo título. COMTE mesmo não reclama para si aquilo que alguns de seus seguidores são levados a reivindicar implicitamente para ele: ‘Há, sem dúvida, diz ele, muita analogia entre minha *filosofia positiva* e aquilo que os sábios ingleses entendiam, sobretudo depois de Newton, por *filosofia natural*’. E indica o ‘grande movimento impresso no espírito humano, há dois séculos, pela ação combinada dos preceitos de Bacon, das concepções de Descartes e das descobertas de Galileu, como o momento em que o espírito da filosofia positiva começou a se pronunciar no mundo’. Assim, os procedimentos gerais de investigação e a maneira de interpretar os fenômenos, que COMTE chama *filosofia positiva*, são considerados por ele mesmo como resultado de um trabalho de dois séculos. (...) Mesmo que eu esteja inteiramente de acordo com COMTE sobre estas doutrinas fundamentais que são nossa herança comum, ainda assim estou inteiramente em desacordo com ele sobre os princípios que fundamentam sua filosofia e que determinam a organização” (SPENCER, 1909: 96-110).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARBOUSSE-BASTIDE, Paul. La Doctrine de l'éducation universelle dans la philosophie d'Auguste COMTE. Paris, Presses Universitaires de France, 1957.
- ARNAUD, Pierre. *Chronologie, introduction et notes*. In: COMTE, A. Catéchisme Positiviste. Paris, Garnier-Flammarion, 1966, pp. 5-24
- AZEVEDO, Fernando de. A Transmissão da Cultura (Parte Terceira da 5ª ed. da obra “A Cultura Brasileira”). São Paulo, Melhoramentos/ Brasília, INL, 1976.
- BARBOSA, Rui. Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública. Edição Comemorativa do 1º Centenário dos Pareceres Apresentados na Câmara do Império em 1882. Fundação Casa de Rui Barbosa/Fundação Cultural do estado da Bahia/ Conselho Estadual de Educação, 1982.
- BARROS, Roque Spencer Maciel de. *Positivismo e Educação*. In: Ensaio sobre Educação. São Paulo, EDUSP/Grijalbo, 1971, pp.129-150.
- BONGIOANNI, Fausto M. *Il Positivismo Pedagogico*. In: VÁRIOS AUTORES, Questioni di Storia della Pedagogia. Brescia (Itália), La Scuola Editrice, 1963, pp. 665-728.
- CALMON, Pedro. História da Civilização Brasileira. São Paulo Cia. Edit. Nacional. 6ª ed. 1958.
- COMTE, Auguste. Curso de Filosofia Positiva (parte); Discurso sobre o Espírito Positivo (parte); Catecismo Positivista. São Paulo, Abril Cultural, 1973. (Coleção “Os Pensadores”, v. XXXIII).
- COSTA, João Cruz. Contribuição à História das Idéias no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
- CUNHA, Luiz Antônio. A Universidade Temporã: O Ensino Superior da Colônia à Era de Vargas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/ Edições UFC, 1980.
- GADOTTI, Moacir. História das Idéias Pedagógicas. São Paulo, Ática, 1993.

- JAPIASSÚ, Hilton. Introdução às Ciências Humanas: Análise de Epistemologia Histórica. São Paulo, Letras & Letras, 1994.
- LITTRÉ, Émile. Conservation, Révolution et Positivisme. 2^{ème} ed. Paris, Aux Bureaux de la Philosophie Positive, 1879.
- LONCHAMPT, Epítome da vida e dos escritos de Augusto Comte. (trad. e anot. por Miguel Lemos). Rio de Janeiro, Apostolado Positivista do Brasil, 1898.
- MARTINS, Wilson. História da Inteligência Brasileira. Vol. IV (1877-1896). São Paulo, Cultrix, 1979.
- MENDES, Raimundo Teixeira. A Universidade. Rio de Janeiro, Centro Positivista Brasileiro, 1882.
- RIBEIRO, Maria Luisa Santos. História da Educação Brasileira: a organização escolar. 11^a ed. São Paulo, Cortez/Aut.Assoc., 1991.
- SCIACCA, Michele Federico. El Problema de la Educación en la Historia del Pensamiento Occidental. Barcelona, Luis Miracle, 1957.
- SILVA, Geraldo Bastos. A Educação Secundária (Perspectiva Histórica e Teoria). São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1969.
- SPENCER, Herbert. Classification des sciences. 9^{ème} édition (trad. da 3^aed inglesa por F. Réthoré). Paris, Félix Alcan, 1909.
- VERDENAL, René. La Filosofia Positiva de Auguste COMTE. In: CHÂTELET, François. Historia de la Filosofia: Ideas, Doctrinas. Tomo III. Madrid, Espasa-Calpe, 1976, pp. 217-251.

NOTAS

(1)-Não apenas o texto constitucional, mas, em geral, a formulação das políticas republicanas indicam certa prevalência de idéias liberais. No campo administrativo-político, o princípio federalista; no campo econômico, o incentivo à livre iniciativa até o comprometimento da política monetária; no campo social, a preferência por uma ausência do Estado confiante nas soluções do progresso. É a “passagem do Brasil... do modelo francês e inglês da política do Império, par o modelo norte-americano da política republicana” (CALMON, 1958,317). É preciso, entretanto, ter muito claro que, como nos tempos imperiais “nada se assemelhava mais a um *saquarema* do que um *luzias* no poder” (no início do Segundo Reinado, os liberais e conservadores eram chamados de “luzias” e “saquaremas”, respectivamente), também na República vamos encontrar alguma dificuldade de caracterizar com nitidez as correntes de pensamento político e sua correspondência partidária ou sua relação com posições ou práticas sobre aspectos particulares. Assim se é possível distinguir os republicanos positivistas e os republicanos liberais, nem sempre encontraremos coerência de posições dos positivistas da Escola Militar e dos positivistas civis do Partido Republicano do Rio Grande do Sul ou dos liberais do Partido Republicano Paulista e de Minas Gerais. (2) BENJAMIM CONSTANT Botelho de Magalhães (Niterói, 1826 - Rio de Janeiro, 1891) assume o Ministério da Instrução Correios e Telégrafos criado em 19 de abril de 1890, exercendo o cargo até sua morte em 20 de janeiro de 1891. O Ministério não durará três anos, sendo extinto em 26 de dezembro de 1892, quando os assuntos vinculados à educação passam a ser tratados pelo Ministério do Interior e Justiça. É, portanto, no ano de 1891, sem a presença de seu patrono, que a Reforma Benjamim Constant se realiza. (3) COMTE realiza seu curso secundário como interno no Liceu de Montpellier, concluindo-o em 1813 merecedor do 1º Prêmio de Eloquência. Em 1814 entra na Escola Politécnica como 4º colocado da lista nacional de candidatos. Em março de 1815, Napoleão volta de Elba e, em Paris, visita a Escola Politécnica, entusiasmando COMTE e seus colegas. Após a derrota definitiva de Waterloo e o retorno dos Bourbon, a Escola é fechada como foco de rebelião republicana e bonapartista (abril de 1816) e COMTE volta a Montpellier, freqüentando a Faculdade de Medicina até julho, quando volta a Paris. Em agosto de 1817 começa a trabalhar com Saint-Simon numa colaboração que irá até 1824, por ocasião da publicação do seu *Système de politique positive*, como terceiro caderno do “Catecismo dos Industriais”. Em 1825 casa-se, iniciando sua conturbada vida conjugal com Caroline Massin. Em abril de 1826 inaugura seu Curso de Filosofia Positiva, logo interrompido pela crise cerebral que exige sua internação na Clínica do Dr. Esquirol. Retorna para casa em dezembro e, em abril de 1827, tenta o suicídio pulando da Pont des Arts. Só em setembro retoma seu trabalho, publicando artigos sobre temas econômicos. Em janeiro de 1829 retoma o Curso de Filosofia Positiva e em dezembro a “Revue encyclopédique” publica o seu *Discours d'ouverture du Cours de Philosophie Positive*. De julho de 1830 a agosto de 1842 são publicados os seis volumes do *Cours de Philosophie Positive*. Em dezembro de 1842, Caroline o abandona definitivamente. Em janeiro de 1844 o seu *Discours sur l'esprit positif* aparece como Prefácio do *Traité d'astronomie populaire*, aprofundando sua ruptura com os “sábios oficiais” e elegendando o povo como salvador do espírito positivo, ameaçado pelos “fariseus pervertidos”. Em outubro acontece o seu primeiro encontro com a irmã de seu ex-aluno Maximilien Marie, Clotilde de Vaux, por quem desenvolve uma intensa e platônica paixão, cujas marcas são evidentes em sua maneira de pensar e continuam a influenciá-lo mesmo após a morte de Clotilde, em abril de 1846. Em julho de 1848 publica o

Discours sur l'ensemble du Positivisme, onde o advento da República de fevereiro é visto como o início da restauração final, subordinando a política à moral, a atividade e a inteligência ao sentimento. Em 1849, COMTE institui a Igreja Universal da Religião da Humanidade. No período de julho de 1851 a 1854 (em setembro de 1852 aparece o *Catechisme Positiviste*) são publicados os quatro volumes do *Système de Politique Positive*, constando, como Apêndice ao último volume, os principais opúsculos escritos em sua juventude. Em 1855, é publicado o *Appel aux conservateurs* e COMTE escreve seu Testamento. Em 1856 surge o 1º volume da *Synthèse subjective*. Ao morrer, em setembro de 1857, COMTE não pode realizar o projeto de escrever, para publicação em 1858, um *Traité de l'éducation universelle*. [Observação: Na coleção “Os Pensadores”, da editora Abril Cultural, tem-se a tradução das duas primeiras lições do *Curso de Filosofia Positiva*; da primeira parte do *Discurso sobre o Espírito Positivo*; da íntegra do *Catecismo Positivista*]. (4) “Trinta anos há que dura minha carreira filosófica e social e sempre senti um profundo desprezo pelo que se tem chamado, sob nossos diversos regimes, a *oposição*, e uma secreta afinidade pelos construtores quaisquer. Aqueles mesmos que queriam construir com materiais evidentemente gastos pareceram-me sempre preferíveis aos meros demolidores, num século em que a reconstrução geral se torna por toda parte a principal necessidade. Apesar do atraso de nossos conservadores oficiais, nossos puros revolucionários se me afiguram ainda mais afastados do verdadeiro espírito do nosso tempo” (COMTE, Cat. Posit., Prefácio, p. 103). (5) Colaboração de COMTE ao “Système industriel” de Saint-Simon. (6) COMTE se refere aos cinco (ou sete) principais graus enciclopédicos apresentados na Sexta Conferência do *Catecismo Positivista* através do “Quadro Sintético da Ordem Universal Segundo uma Escala Enciclopédica de Cinco ou Sete Graus”. A Filosofia Positiva, ou conhecimento sistemático da Humanidade, é dividida por critério dogmático, em Estudo da Terra ou Cosmologia e Estudo do Homem ou Sociologia. Segundo um critério histórico, em Ciência Preliminar ou Filosofia Natural (Ordem Externa) e Ciência Final ou Filosofia Moral (Ordem Interna). A Cosmologia ou Filosofia Natural é constituída pela Matemática e pela Física (que pode ser desdobrada em Astronomia, Física e Química); a Sociologia ou Filosofia Moral, pela Biologia, Sociologia e Moral (cfr. Cat. Pos., 1973: 196-205). (7) Em seu ensaio sobre O Positivismo e Educação, Roque Spencer Maciel de Barros critica uma afirmação de Paul MONROE, sobre a atenção incidental de COMTE à educação e sobre a não compreensão do filósofo quanto à importância da educação no processo social, afirmando: “É difícil encontrar tantos erros num trecho tão curto” (BARROS, Roque Spencer Maciel de. Ensaio sobre Educação. São Paulo, EDUSP/Grijalbo, 1971, p.129). Interessante notar, ainda, que com uma única referência a COMTE, cujo responsável é Antoine LÉON (p. 349), a História da Pedagogia do Tratado das Ciências Pedagógicas, organizado por Maurice DEBESSE e Gaston MIALARET, em 1971 (publicado em português, em 1974, pela Cia. Ed. Nacional e EDUSP), reconhece que a significativa influência comtiana em Jules Ferry, é responsável por vários aspectos da legislação educacional da Terceira República francesa. (8) Cfr. BARROS, 1971:130. “Reformador social, crendo que cabe aos sábios a direção espiritual da sociedade, o jovem COMTE compreende logo que o sábio não pode ser educador se antes não educar-se *na escola da humanidade*. Nesse sentido, o *Cours de philosophie positive* ... é um ‘verdadeiro tratado de pedagogia prática para uso das altas inteligências desejosas de se consagrar à regeneração social’ (Arbousse-Bastide, p. 114)” . (9) “Eu me alinho com o plano de educação proposto pelo Sr. COMTE, plano diferente de tudo o que se fez até aqui, tanto pela natureza e extensão das matérias lecionadas, quanto pela universalidade que lhe é atribuída. De uma parte este plano compreende a hierarquia das seis ciências, tais como a filosofia positiva as definiu, sem esquecer as línguas clássicas; de outra parte, ele se aplica às crianças de todas as camadas sociais, tanto aos mais ricos, quanto aos mais humildes. (...) ... a partir de todas as minhas reflexões nestes trinta anos, e mesmo considerando que as circunstâncias não foram favoráveis, eu persisto em dar meu assentimento às idéias essenciais do Sr. COMTE, a saber: mudar de base mental, substituir pelo saber científico o saber literário, que deve manter seu lugar, mas não prioritário, e universalizar, uniformizando-a, a educação” (LITTRÉ, 1878: 352-353). (10) “Não se deve temer que um ensino assim organizado seja nocivo à cultura das letras e a seu brilho. tão importantes para a glória de um país. (...) Mas não queremos formar homens cujo corpo de idéias tenha por origem as obras clássicas da eloquência, da narração e da poesia. No novo procedimento, entendemos que este corpo de idéias tenha por origem o conhecimento positivo do mundo, da humanidade e de suas respectivas leis. Não ignoramos, de maneira nenhuma, aquilo que se chamou muito justamente *litterae humaniores*; mas, à época em que a primazia lhes foi dada, elas tinham, com efeito, um caráter de universalidade que faltava, então, à ciência.” (LITTRÉ, 1878: 31) (11) Interessante ler, no Prefácio do *Catecismo Positivista*, a análise de COMTE sobre o discurso didático (cfr. COMTE, Cat.Pos. 1973: 108-109). (12) Herbert SPENCER (1820-1903); Ernest RENAN (1823-1892); Hyppolyte TAINÉ (1828-1893). (13) Apesar das diferenças entre os núcleos positivistas (francês, italiano, inglês ou alemão) e os pensadores que podem ser alinhados nesta corrente de pensamento, pode-se ainda considerar como características gerais do positivismo: considerar a experiência como única fonte do conhecimento; concepção mecanicista da natureza e determinismo dos fatos naturais e humanos; origem e explicação dos valores espirituais pela

via da evolução biológica e das leis da psicologia (cfr. SCIACCA, 1957: 454). (14) cfr. SCIACCA, 1957:462 que exemplifica com o *energetismo*, a *constituição elétrica da matéria* e a *geometria não-euclidiana*, “como teorias que modificam profundamente a concepção mecânica tradicional e o princípio da imutabilidade e da absoluta objetividade das leis científicas”. (15) Bastante ilustrativa é, por exemplo, a cuidadosa peça argumentativa de SPENCER, que se encontra na terceira edição de sua obra *Classificação das Ciências*, como terceiro capítulo sob o título *Porque me separei de Augusto COMTE* (cfr. SPENCER, 1909: 95-138). (16) Também no Brasil, a efervescência do pensamento do século XIX se manifesta. MARTINS (1979: 165), anota que “em 1883, Clóvis Bevilacqua publicava no Recife um volume sobre *A Filosofia Positivista no Brasil*, no qual observa que no norte do país a doutrina se ia transformando em evolucionismo e ‘COMTE pouco a pouco substituído por Spencer e Haeckel’, no sul, ao contrário, ela conservava todo o seu caráter ortodoxo”. Refere-se ainda à existência, “no movimento filosófico brasileiro, segundo Sousa Bandeira, três grupos distintos: ‘o daqueles que, recordando-se das lições que beberam na mocidade, vivem ainda a relembrar os felizes tempos de Cousin, dos que apesar do descrédito em que caiu a palavra, se dizem ecléticos; o grupo dos ultramontanos que procuram abrir luta com o espírito do século, e abroquelados com a Suma Teológica, vociferam contra o *racionalismo ímpio* e a *ciência atéia*; e finalmente aqueles que procuram seguir mais ou menos a marcha das idéias, forcejando por ter uma intuição científica do mundo, seja ela qual for””. (17) Exemplo do que seja um cientificismo típico encontramos no texto de um *lente* da Escola Médico-Cirúrgica do Porto (Portugal), Ricardo D’Almeida Jorge, prefaciando a edição portuguesa do livro *Educação Intellectual, Moral e Physica* de Herbert Spencer, publicado em 1888 pela editora Alcino Aranha & Cia, da cidade do Porto, em Portugal: “Dominadora exclusiva agora de toda a vida humana, ao lançar as novas bases da psicologia e da moral, da religião e da estética, da economia e do direito, da política e do governo, ao criar a sociologia em conexão íntima com a biologia moderna, animando-a com o grande e fecundo impulso da doutrina evolucionista, a ciência afirmava-se para todo o sempre a universal soberana. (...) Eles, os possuidores do palladio pátrio, não manifestam a menor compreensão racional e científica da escola como órgão social subordinador e innervador de toda a funcionalidade mental, económica, profissional e política do país. Infiltrados por um burocratismo abominável, os representantes do poder executivo e legislativo concebem, gestam e dão à luz, a cada sessão, como productos espúrios de coito maléfico, medidas sobre instrução nacional, cunhadas no mais boçal empirismo”. (18) cfr. SILVA, 1969: 223; RIBEIRO, 1991:73. (19) “A expressão do positivismo no Brasil inspirou a Velha República e o golpe militar de 1964. Segundo essa ideologia da ordem, o país não seja mais governado pelas ‘paixões políticas’, mas pela racionalidade dos cientistas desinteressados e eficientes: os tecnocratas. A *tecnocracia* instaurada a partir de 1964 nos oferece um exemplo prático do ideal social positivista, preocupado apenas com a manutenção dos ‘fatos sociais’, entre eles, a existência concreta das classes. Essa doutrina serviu muito às elites brasileiras quando sentiram seus privilégios ameaçados pela organização crescente da classe trabalhadora. Daí terem recorrido aos dirigentes militares, que são as elites ‘ordeiras’ vislumbradas por COMTE” (GADOTTI, 1993: 110). O sonho frustrado dos positivistas históricos de implantar, em 1889, uma “ditadura republicana” manteve-se, segundo João Cruz Costa (apud CUNHA, 1980: 137), até a atualidade em um certo “positivismo difuso” inspirador de concepções e práticas de alguns políticos brasileiros (cfr. COSTA, 1967: 276).